



INFÂNCIA E NARRATIVA EM WALTER BENJAMIN

Karen Jociani Coletti Gomes

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC)

Elsio José Corá

Orientador, docente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
cora@uffs.edu.br

1. Introdução

A origem etimológica da palavra infância remonta ao latim *infantia*, termo que designa a incapacidade de falar. Derivado de *infans*, significa literalmente “aquele que não fala” (Houaiss, 2009). Nesse contexto, pode-se afirmar que tal definição remete, em um plano simbólico, a uma condição histórica de silenciamento. Ao longo da tradição ocidental, a infância foi amplamente concebida como uma fase de incompletude, ou seja, uma etapa do desenvolvimento humano definida por suas faltas: de razão, de autonomia, de capacidade plena de expressão. Infelizmente, essa compreensão reducionista da infância ainda persiste em muitos contextos sociais e institucionais, nos quais a criança é percebida mais como um vir-a-ser, alguém que ainda não está pronto para existir com plenitude (Santos, 1981). É curioso e inquietante perceber como essa associação entre a infância e o silêncio repercute diretamente em sua exclusão das esferas de decisão e de reconhecimento. A falta do que se considera fala converte-se em falta de escuta, por outras vias: o que a criança diz, sente ou pensa muitas vezes não é considerado digno de atenção ou de interpretação (Santos, 1981). Trata-se, assim, de um silêncio imposto e sustentado por um sistema que recusa o reconhecimento da linguagem da infância como linguagem válida (Santos, 1981).

É nesse ponto que o presente trabalho revela-se importante ao buscar aprofundar os conceitos de Infância e Narrativa a partir da perspectiva filosófica de Walter Benjamin. As contribuições do autor mostram-se particularmente instigantes ao analisar



as interconexões intrínsecas e imbricadas que se manifestam entre esses dois domínios em seu pensamento. Ao contrário das concepções que reduzem a infância à incompletude, Benjamin (2002) propõe uma visão radicalmente distinta: a infância é, para ele, um campo de experiência pleno, dotado de densidade sensível e de valor expressivo. Há, portanto, uma ruptura com a concepção linear e teleológica do desenvolvimento humano, segundo a qual a criança seria apenas um "vir-a-ser", um sujeito em déficit em relação ao adulto. Em vez disso, o filósofo alemão (2002) a compreende como uma forma própria de estar no mundo, autônoma em sua inventividade e em sua capacidade de significar, irreduzível aos imperativos de utilidade e progresso.

O que está em jogo aqui é mais do que um reconhecimento abstrato. Ao valorizar a infância como tempo pleno de sentido, o autor (2002) nos desafia a reconsiderar o modo como compreendemos a formação humana, vista como um caminho linear em direção à maturidade: esta passa a ser pensada como um tecido de experiências significativas no presente. Nessa perspectiva, a criança não está apenas “a caminho de” se tornar alguém; ela já é alguém: um sujeito ativo, capaz de construir sentidos a partir dos “restos da história” — materiais e símbolos que, embora esquecidos nos fragmentos da história, carregam a vitalidade criadora e a potência expressiva da imaginação e da transformação de novas formas de vida, novas linguagens e outras formas de narrar o real (Benjamin, 2002). É que crianças [...] sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho, no jardim ou na marcenaria, da atividade do alfaiate ou onde quer que seja (Benjamin, 2002, p. 57-58).

Neste sentido, a pesquisa investiga quais são as contribuições da narrativa para o universo infantil e no que consiste a arte de narrar, uma vez que essa é entendida como a faculdade de intercambiar experiências. A narrativa desperta a preocupação de Benjamin em relação à sua extinção, decorrente das modificações do progresso técnico-científico, em que a experiência coletiva (*Erfahrung*) é substituída pelas vivências individualizadas (*Erlebnis*). Busca-se evidenciar quais as contribuições da



infância para a continuidade da narrativa quando a criança narra as experiências da infância.

Na leitura de Walter Benjamin, *Erfahrung* e *Erlebnis* são termos que articulam uma oposição estética-social fundamental para compreender a modernidade. Inspirando-se na dicotomia Freud–memória/consciência, Benjamin argumenta que a memória está ligada à experiência autêntica (*Erfahrung*), enquanto a consciência se conecta à vivência (*Erlebnis*), isto é, à resposta imediata aos estímulos do mundo moderno (Freitas, 2014). Com o avanço do capitalismo e da tecnologia, essa experiência autêntica entra em declínio; vive-se mais a vivência do cotidiano, orientada pela adaptabilidade diante da vida moderna (Freitas, 2014). Assim, não haveria mais uma experiência compartilhável a ser transmitida; predomina a vivência, que funciona como mecanismo de defesa diante do ritmo técnico e das disjuntivas históricas que antecedem as guerras. Essa dupla é peça chave para entender a crítica de Benjamin ao progresso tecnológico e às conjunturas políticas da sua época (Freitas, 2014).

A partir desse contexto de pesquisa, o texto coloca como horizonte os seguintes questionamentos: como a narrativa pode contribuir para a valorização da infância como forma de vida plena, e não como um estágio inferior da existência? Qual é o lugar da infância na experiência humana e na construção narrativa de sentido? O que significa narrar experiências, e por que isso importa tanto em um mundo marcado pela técnica (logia) e pela vivência fragmentada?

Por fim, a presente pesquisa, ao revisitar a crítica benjaminiana à ideia de progresso, nos interpela a rever as bases com que instituímos o valor da fala, da razão e da experiência, denunciando os mecanismos que silenciam a criança ao mesmo tempo que a nomeiam. Nesse movimento, torna-se evidente que restituir à infância seu estatuto de alteridade legítima não é apenas uma exigência ética ou pedagógica, mas uma operação política e epistêmica fundamental: é reconfigurar o que entendemos por saber, por sujeito e por existência. A infância, assim compreendida, não é ausência, mas presença insurgente; um modo outro de habitar o tempo, de significar o vivido e de resistir às formas normativas de subjetivação.



2. Metodologia

Ao longo de sua obra, Walter Benjamin demonstrou profundo interesse pelas manifestações culturais da infância. Nesse contexto, a presente pesquisa foi conduzida a partir da revisão de um importante eixo de textos escritos pelo autor entre 1913 e 1932. A coletânea desses escritos diz respeito à relação entre o mundo adulto e a criança, evidenciada especialmente na análise do brinquedo, do jogo, da estética, da literatura... elementos aparentemente insignificantes do cotidiano, que se revelam como expressões fundamentais da experiência sensível. A materialidade da infância, composta por objetos artesanais, fragmentos culturais, resíduos industriais e construções simbólicas, será analisada como espaço de disputa, criação e memória.

Os materiais aparentemente insignificantes ganham destaque em sua obra por aquilo que carregam: memórias coletivas, modos de vida, gestos culturais e potencialidades criativas. Esses elementos revelam a maneira singular com que a criança se relaciona com o mundo: como quem o reinventa. Nesse percurso, veremos que o brinquedo, tal como o jogo e a palavra poética, habita uma zona de liberdade e desvio, em que a imaginação se sobrepõe à finalidade e o gesto infantil se inscreve como resistência. Nas palavras do autor: “brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio” (Benjamin, 2002, p. 85). Ao olhar para esse território, o filosófico nos convida a reconsiderar a infância em sua maneira de habitar o mundo plenamente. É, portanto, com essa chave interpretativa que adentramos a compreensão que se segue.

A infância se manifesta como princípio organizador de sua filosofia, que insiste em romper com os tempos lineares e os discursos totalizantes. Dessa forma, a atenção de Benjamin à infância e às suas formas materiais não se dá por acaso. Esses elementos infantis não são vistos de forma isolada ou inocente, mas como expressões reveladoras das tensões e contradições do mundo moderno (Lessa, 2016). Para Benjamin, a criança, ao interagir com objetos simples ou mesmo com resíduos descartados pelos adultos, atribui novos significados ao mundo que a cerca. Essa prática lúdica e criativa destaca a infância como um fenômeno marginal que, justamente por sua posição periférica,



oferece uma perspectiva crítica sobre a vida cotidiana e suas transformações (Welter, 2019).

Assim, ao valorizar o olhar infantil, o autor propõe uma reflexão sobre a experiência humana que desafia as normas estabelecidas pela racionalidade adulta. Para Benjamin, esses fragmentos culturais ligados à infância oferecem uma via privilegiada para compreender as transformações da experiência moderna e seus impactos sobre a sensibilidade, o tempo e a memória (Lessa, 2016). Ao recuperar esse tempo outro, o tempo da infância, da rememoração, da fabulação e da narrativa, Benjamin desafia os pressupostos do progresso e da racionalidade moderna e oferece um horizonte de resistência: um pensamento que se constrói a partir do detalhe, do fragmento, do insignificante. Seu trabalho, ao reunir elementos do materialismo histórico, da mística judaica e da crítica da cultura, inaugura uma maneira singular de filosofar, na qual a infância atua como categoria de leitura do presente.

3. Resultados e discussão

Até o atual momento da pesquisa, os achados do texto dissertativo vêm revelando que o autor está interessado em denunciar a ruptura entre o mundo adulto e a experiência da criança, quando esta é reduzida a um objeto pedagógico, moral ou estético segundo os valores da racionalidade moderna. Sua ironia recai justamente sobre as tentativas bem-intencionadas, mas equivocadas, de representar a infância de fora, sem escutá-la ou respeitar sua lógica própria. Para Benjamin (2002), o verdadeiro encontro com a infância exige abandonar modelos de controle e abrir-se à escuta e à complexidade da experiência infantil.

Nesse sentido, também pode-se identificar em Benjamin (2002) a potência da literatura e da arte como formas de experiência genuína, nas quais a criança habita poeticamente o mundo. À medida que se percorre o campo da literatura infantil à luz do pensamento do filósofo, torna-se evidente que essa ultrapassa a concepção de instrumento pedagógico na medida em que “os livros infantis não servem para introduzir os seus leitores, de maneira imediata, no mundo dos objetos, animais e seres humanos, para introduzi-los na chamada vida” (Benjamin, 2002, p. 62). Pelo contrário,



trata-se de um território sensível, onde palavra e imagem se entrelaçam para acolher o olhar, a escuta e a imaginação da criança. Como o brincar, a leitura literária é um gesto gratuito e potente, que permite à infância representar e transformar o mundo com liberdade simbólica e afetiva (Benjamin, 2002).

Assim, reconhecer a infância torna-se, para Benjamin (2002), uma chave de leitura do mundo que se cria no encontro entre a criança e o livro, a criança e o brinquedo, a criança e os restos. É nesse espaço poético que entra no jogo da imaginação, sem imposições, que a criança constrói sentido e habita o simbólico com a leveza de quem sabe que “príncipe é uma palavra cingida por uma estrela” (Alves, 1994). Recuperar esse gesto é também uma convocação ao adulto: chegar à altura da infância, menos para ensinar, mais para escutar, brincar e acompanhar, ainda que por ínfimos instantes, os caminhos luminosos de um mundo que ainda pode ser reinventado.

4. Considerações finais

A presente dissertação nos permite compreender que as expressões materiais da infância à luz do pensamento benjaminiano é reconhecer nelas um campo de resistência sensível à industrialização da experiência. Brincar, nesse contexto, é gesto poético e político: transforma sobras em mundos, ruínas em brinquedos, detritos em narrativa. Trata-se de um modo de habitar o mundo com liberdade e invenção que produz presença, mesmo diante daquilo que já foi deixado para trás. É justamente nesse movimento entre o que resta e o que se reinventa que o brinquedo revela sua função como documento vivo de cultura, de história e de possibilidade.

Em síntese, as reflexões de Walter Benjamin acerca da Infância revelam a importância da narrativa e do narrador, nessa busca de ambos por intercambiar experiências valiosas. Nesse território de invenção e escuta, a infância se afirma como forma de vida autônoma, criadora e profundamente relacional, que resiste às formas endurecidas da vida adulta e reinaugura, sempre, a experiência.



Referências

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Indaiatuba: Ars Poética, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011.

_____. **Rua de mão única**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2023.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

BOLLE, Stefan Wilhelm. Comentário. In: BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. Orelha da capa.

EDITORA 34. Sobre o autor. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Organização e introdução de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Editora 34, 2023. (Coleção Espírito Crítico). p. 157.

FREITAS, Tatiana Maria Gandelman de. **Erfahrung e Erlebnis em Walter Benjamin**. Revista Garrafa, Rio de Janeiro, n. 33, jan.-jun. 2014, p. 72-87.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. Fapesp, Campinas, São Paulo. 1994.

_____. Walter Benjamin: **Os Cacos da História**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense. 1993.

_____. Introdução. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Editora 34, 2023. p. 7-29.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Comentário. In: BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011. Orelha da capa.

GIORGI, Flávio Vespasiano Di. Posfácio. In: BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p. 163-168.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.



LESSA, Juliana Schumacker. **O conceito de experiência em Walter Benjamin: elementos para pensar a educação na infância.** Zero-a-Seis, [Florianópolis], v. 18, n. 33, p. 108-121, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2016v18n33p108>. Acesso em: 17 mai. 2025.

LÖWY, Michael. **A filosofia da história de Walter Benjamin.** Estudos Avançados, v. 16 (45), 2002, pp. 199-206.

SANTOS, Claudécir dos; GALIAZZI, Estelamaris. Walter Benjamin: A Literatura Infantil e a Arte de Narrar. **Thaumazein**, Santa Maria, Ano VII, v. 9, n. 17, p. 25-36, 2016.

SANTOS, Solange Estanislau dos. **Ser criança significa ter infância?** Revista Santa Rita, São Paulo, p. 37-44, 1981. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=SANTOS%2C+Solange+Estanislau+dos.+Ser+crian%C3%A7a%2C+significa+ter+inf%C3%A2ncia%3F.+Revista+Santa+Rita%2C+p.+37%2C+1981&btnG=. Acesso em: 17 mai. 2025.

WELTER, Morgana. **Jogos, brinquedos e restos: sobre a experiência infantil em Walter Benjamin.** 2019. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2019. Repositório UFSC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/214473/PEED1480-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 mai. 2025.

Agradecimentos

Agradeço à FAPESC pelo apoio concedido por meio de bolsa de estudos nesse período de realização da presente pesquisa. A FAPESC, com seu suporte, contribuiu de maneira decisiva para o desenvolvimento do trabalho e para a consolidação de minha formação acadêmica na produção de um conhecimento comprometido com o pensamento crítico e com a transformação social.